

RESENHA

Book Review

RESENHA DO LIVRO: LA SINISTRA RADICALE IN EUROPA, ITALIA, SPAGNA, FRANCIA, GERMANIA¹.

Rodrigo Francisco Maia²

A chamada New Left é fonte de um debate nascente, não ainda muito difuso na academia, mas de importância enorme. Talvez seja ainda subestimada sua importância. No entanto, Marco Damiani, Professor na Faculdade de Ciências Políticas da Università degli Studi di Perugia, recentemente deu sua contribuição para a análise dessa nova esquerda, que na Europa já tem uma sua tradição e apresenta características particulares que permitem uma sua classificação e diferenciação internas. O livro *La Sinistra Radicale in Europa*, lançado em Roma pela Interventi Donzelli em 2016, toma a nova esquerda radical da Itália, Espanha, França e Alemanha em seus movimentos nacionais e europeus após o colapso da URSS. A tese central de Marco Damiani é mostrar que a New Left que emergiu foi uma esquerda anti-establishment muito mais do que uma esquerda anti-sistêmica.

Damiani lança duas bases fundamentais para sua hipótese, uma é a história recente de alguns partidos da esquerda, outra são os dados estatísticos eleitorais. Também é imprescindível em seu livro o estabelecimento de esquemas analítico-classificatórios da esquerda entre rígida e flexível, aberta ou fechada, a partir dos quais a esquerda é tomada como tradicional, eleitoral, movimentista ou ainda progressista (Damiani, 2016: 116). Sendo a esquerda radical seu objeto, de imediato o autor indica que dentro da esquerda emergente o setor radical no âmbito geográfico de sua análise é composto pelo Partido da Rifondazione Comunista, a Izquierda Unida e Podemos, o PCF e o Die Linke.

O livro de Damiani está dividido em duas partes, a primeira contendo dois capítulos, e a segunda, três. Na primeira parte, o autor perfaz um histórico das “transformações”, tomando “A Esquerda depois do

¹DAMIANI, Marco. *La Sinistra Radicale in Europa*: Italia, Spagna, Francia, Germania. Roma: Interventi Donzelli, 2016. ISBN: 9788868434847

²Graduado em ciências políticas pela Unesp, Mestre em ciências políticas e relações internacionais. Email: rodrigomaiacs@yahoo.com.br

Comunismo” no seu primeiro capítulo, então define “Os partidos da esquerda radical”. Na segunda parte, a “estruturação política”, Damiani mostra as “configurações”, o “andamento eleitoral” e chega à “uma outra esquerda para a Europa”.

A esquerda radical se define como a oposição às políticas neoliberais e como o setor mais à esquerda no campo socialista e socialdemocrata. O foco de atenção dispensado à política pragmática, ou à pequena política, não é culpa de Damiani, ele mesmo indica a mudança de valores da velha para a nova esquerda, preocupada com a tutela de direitos, com as liberdades individuais, com a paz internacional. Ainda que tais valores facilmente sejam encontrados na velha esquerda em muitos casos, na New Left aparecem como parte de seu ser. O problema estaria ainda na manutenção da democracia, na justiça social em oposição à lógica neoliberalista.

Não se limitando apenas aos dados eleitorais e às abundantes fontes primárias, o autor também foi atrás dos sujeitos que fizeram história na New Left, e assim uma série de entrevistas aparecem pontualmente ilustrando várias temáticas abordadas no livro, como a questão das alianças políticas na Itália, sobre o eleitorado espanhol, sobre as ambições da esquerda na França, e sobre o programa da esquerda na Alemanha. A Nova Esquerda europeia não se restringe, porém, à esfera nacional, pois na União Europeia a New Left ganhou um terreno realmente amplo e plural ao aderir ao sistema de partidos da União, desde o tratado de Maastrich, em 1992. O eurocomunismo, uma política particular articulada pelo PCI nos anos 1970 que buscou envolver todos os partidos comunistas da Europa, mas que teve adesão de apenas parte, foi o fio de continuidade entre o velho e o novo.

Da política eurocomunista derivou a necessidade de sustentação da democracia ocidental através das guerras de movimento, se é que se pode pensar com os conceitos de Gramsci, dentro das instituições europeias. Mantendo o caráter crítico, quase que inato à esquerda, as críticas à UE, aos seus tratados, às suas práticas, não demoraram e foram o percurso escolhido pelos líderes da nova esquerda para combater as políticas neoliberalistas que eram postas e sobrepostas como necessárias ao estabelecimento do euro. O euroceticismo foi um problema na New Left. Um problema também de implicações metodológicas para a definição da própria New Left. À diferença da esquerda radical, a extrema esquerda possui suas próprias características, essa sim eurocética.

A New Left, que nos anos 1990, 1994 mais precisamente, se conformou no GUE-Ngl (sigla do Gauche Unitaire Européenne – Nordic Green Left), o partido europeu da New Left; o qual possui uma pluralidade interna de outros partidos que se justifica apenas pela continuidade da política eurocomunista: o respeito às particularidades e ao pluralismo de identidades. Assim, dentro do GUE aparece o Podemos, mas também o PCP. Os Verdes, mas também Synaspsmos.

Em 2004, a New Left assumiu uma nova outra forma político-partidária com o partido da Esquerda Europeia, também esse um europartido. Damiani mostra detalhes dados pelos sujeitos em suas entrevistas, mostra os valores plurais presentes no Estatuto do novo partido, esse também composto por uma pluralidade de outros, os quais se dividem entre os partidos “membros” e os “observadores” (pg. 218). Com a crise os poderes do Parlamento Europeu parecem ter diminuído muito, e suplantados por de outras esferas

decisionais, a Troika em particular, e as dificuldades do contexto não pouparam nem essa nova esquerda, ao contrário, seus objetivos tiveram de ser refeitos, se tornaram ainda menos ambiciosos, nem tão anti-establishment.

Com todos os seus problemas, a New Left, indica Damiani, é um dos poucos partidos com alguma homogeneidade a nível europeu, graças às configurações das partes desse todo. Contudo são ainda forças políticas, e como tais podem realizar disputa de posições, batalhas de forças ainda circunscritas, ao ver de Marco Damiani, ao campo do marxismo justamente pela continuidade da igualdade de oportunidades como um princípio.

O autor assume que as dificuldades da nova esquerda residem no post-materialismo, na descontinuidade política entre uma reorganização e outra dessa esquerda. Se limitando ao trabalho de historiador, Damiani prefere deixar à história a caneta que irá escrever as próximas transformações a venire. Contudo, a história não é imparcial. A análise de Marco Damiani é uma das poucas que neste momento tem o objetivo de abrir caminho para estudos mais aprofundados no tema da Nova Esquerda, seja ela europeia ou de qualquer outra parte. Neste sentido, oferece uma visão interessante, uma contribuição de mérito, mas também conjunturalmente limitada sobre a New Left: são muitas ainda as lacunas que investigadores, curiosos, militantes, devem tomar em mãos e aprofundar analiticamente. A contribuição vai mais além, pois o sistema de partidos europeu é um importante feito no mundo da política internacional.

Recebido em 20 de dezembro de 2016.

Aprovado em 11 de fevereiro de 2017.